

O DISCIPULADO NA MISSÃO DA IGREJA

por

Francisco Eliton Gomes da Silva

Introdução

Uma das razões que me estimula a escrever sobre o tema escolhido, é a crise por que passa a Igreja Evangélica Brasileira em seu âmbito eclesiástico, denominacional e geográfico com respeito a sua Missão.

No decorrer de meus anos de ministério pastoral que não são muitos e atualmente como professor e coordenador escolar sempre envolvido diretamente com o ensino na Igreja, sou levado a pensar que o momento da Igreja brasileira em sua geração é por demais delicado. Isso porque, vemos as igrejas locais procurando ansiosamente meios de crescimento numérico, muitas delas, sinceramente, buscando cumprir o mandato de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas que em sua caminhada, tem abandonado princípios inegociáveis das Escrituras Sagradas, resultando em uma situação de “stress” espiritual para a comunidade, a diluição da fé e o enfraquecimento qualitativo e orgânico dos crentes.

Que é mandamento de Nosso Senhor que cresçamos em número, ninguém duvida, contudo, seria pertinente levantarmos algumas ponderações:

Qual a verdadeira motivação dos líderes das igrejas locais na busca ansiosa de um crescimento na igreja? Estamos observando um crescimento equilibrado nas igrejas locais? Qual o estilo de vida que Deus tem requerido de sua igreja na missão? Até que ponto podemos dizer que há um verdadeiro crescimento em nossas igrejas locais?

Nas palavras de um missiólogo norte-americano compreendemos muito bem o que a igreja evangélica brasileira está realizando em seus dias. *Ele afirma;*

“A Igreja nasceu como um fato na Palestina veio para a Grécia e tornou-se uma nobre idéia, foi para Roma e tornou-se uma Instituição, foi para os Estados Unidos e tornou-se um grande empreendimento, veio para o Brasil e tornou-se um evento”.

Atualmente, a Igreja Brasileira está sofrendo, porque não acata o Discipulado como o verdadeiro estilo de vida cristão. Os crentes não são desafiados a fazer discípulos, e, por assim dizer, estão tranqüilos com respeito a sua maneira de ser. Olhando para uma Teologia Bíblica Integral do Discipulado, quero levantar questões relevantes a respeito do Discipulado e ao mesmo tempo descobrir implicações práticas deste estilo de vida proposto por Jesus esquecido pelas nossas comunidades cristãs.

Definições Gerais

Para que compreendamos o que vem a ser Discipulado, necessitamos recorrer à etimologia de algumas palavras que se nos apresentam nas Escrituras, com respeito a este fato. Necessitamos definir Discipulado em termos gerais e específicos, na busca dos vários significados que no original grego nos ajuda a discernir o assunto que desejamos tratar.

A primeira palavra que nos traz a mente a idéia de Discipulado é “*Akoloutew*” (*Akolouteo*). Traduzida por seguir, denota a ação de uma pessoa respondendo ao chamado do Mestre e cuja sua vida inteira é reformulada no sentido da obediência. A idéia no grego clássico era de alguém que seguia a Deus ou a Natureza como idéia filosófica, o mesmo se identificava mediante uma incorporação. Esta palavra no Antigo Testamento correspondia à “*halak*” que dava a conotação de “ir atrás de”. No Novo Testamento, *Akolouteo* é empregado 56 vezes nos Evangelhos Sinópticos e 14 vezes em João, três vezes em Atos, uma vez em Paulo e seis vezes no Apocalipse. Embora sendo usada algumas vezes para denotar as multidões que “seguiam” a Jesus, ela somente terá uma importância maior quando atribuída ou vinculada a pessoas que estavam seguindo o Mestre.

Alguns textos, principalmente os que estão narrando o chamado vocacional dos discípulos por Jesus usam Akolouteo para evidenciar um convite muito mais desafiador do que diplomático.

Em MT 9.9, Jesus chama a Mateus e diz “segue-me”. A mesma palavra é usada para o desafio colocado ao jovem rico, onde depois que ele vendesse todos os seus bens e desse aos pobres o mancebo deveria seguir ao Mestre. Quando Jesus fala realisticamente sobre o ser discípulo usa Akolouteo em MT 8.22 para denotar a prioridade que os seus seguidores deveriam ter para com o seu projeto. O que nos chama a atenção é que “akolouteo” possui uma força muito grande, tanto historicamente como culturalmente para a época de Jesus.

Com um pano de fundo histórico, “seguir” era fator preponderante para alguém se fazer aluno nas escolas Peri patéticas, em que o discípulo se fazia “um com o seu mestre”, mas, sobretudo, se identificava com o mesmo de tal maneira que o colocava em primeiro lugar, deixando todas as coisas para trás, despojando-as dos níveis mais elevados de compromisso. Aprender era de fato uma questão de vida, de exclusividade e de cumplicidade. Este aprender significava perder tudo para ganhar a vida, fosse no aspecto filosófico ou no religioso. No aspecto espiritual, Jesus chamava seus discípulos com autoridade divina, como os próprios profetas eram chamados por Deus no Velho Testamento.

A segunda palavra encontrada é “*Mathetes*”, (*maqhths*) “discípulo”. É aquela pessoa que ouve o chamado do Mestre e se junta a ele. É um aprendiz. Raiz

da palavra “*mantano*” a palavra era, no tempo clássico, um verbo entendido por “adaptar-se”. Alguém era chamado de *Mathetes*, quando se vinculava a outra pessoa a fim de adquirir conhecimento prático e teórico. Já no Antigo Testamento, a palavra equivalente no hebraico, possuía uma conotação mais fraca. A ênfase recaía sobre Israel como povo de Deus, no sentido que ele deveria aprender de Deus e se voltar para Ele constantemente. Contudo, a relação entre o “*talmid*” (aluno) e o seu “*more*” (professor) era muito forte especialmente no judaísmo rabínico. O relacionamento entre o aluno e o professor tornava-se uma instituição para o estudo detalhado da Torá.

No Novo Testamento *Mathetes* tornou-se a palavra para indicar total devoção a alguém. A palavra usada possuía uma conotação muito forte, onde o discípulo convivia com o mestre, recebendo conhecimento e especialmente no Discipulado de Jesus, estaria disposto a servir.

Outra palavra relacionada ao Discipulado é “*mimeomai*”(*mimeomai*), “imitar”. O verbo enfatiza a natureza de um tipo especial de comportamento, modelado em outra pessoa. Segundo Brown, “*mimeomai*” se aplica a pessoas específicas que são obviamente exemplos vivos para a vida da fé. Mesmo sendo o apóstolo Paulo aquele que usa freqüentemente esta palavra para motivar seus discípulos a uma vida de imitação, jamais ele se incluía como alvo final a ser imitado (I Co 11.1). Pelo contrário, ele sempre apontava a Jesus que deveria ser a proposta final de imitação e exemplo.

Chegamos a conclusão que Discipulado tem a ver com o próprio fato de ser da igreja de Nosso Senhor. Se analisarmos estas palavras, definimos tal ação como a que o Mestre se propôs em seu ministério: Discipular homens, para que os mesmos pudessem ao final de Sua jornada aqui, fazer com que Seus ensinos e mandamentos fossem sabiamente repassados na perspectiva da obediência, tornando os discípulos seus “seguidores”. Contudo, este “seguir” jamais viria sem um compromisso de vida, de dedicação, de amor e de entrega de vida plena ao Mestre. Conjugado a isto, o Mestre seria o alvo maior, como exemplo e modelo a ser imitado. Já não seria um movimento, mas sim, um estilo de vida que todos os seus seguidores assumiriam diante do mundo e chamariam outros a vivenciarem uma mudança radical em prol da glória de Deus e satisfação de seus corações.

Waylon Moore afirma que “Discipulado é o processo de tomar novos convertidos, educá-los e levá-los a um estado de maturidade e adulta comunhão com Cristo e de serviço eficiente na Igreja”. E continua: “fazer discípulo de uma pessoa é levá-la a experiência de ter Jesus como Senhor e Centro de sua vida. Ser discípulo implica num ato de entrega e num processo de obediência. Um homem é discípulo de Cristo, quando permanece em sua palavra, glorifica ao Pai e dá frutos. (João 8.31;15.8)”.

Sem dúvida, a experiência de ser encontrado por Cristo através da fé é condição *sine qua non* para que o discipulado se inicie na vida de uma pessoa e o processo de obediência é o resultado sadio de alguém que está

caminhando na fé. Além disso, Robert Coleman afirma ao comentar o texto de Mateus 28.18-20, que o Discipulado se refere ao “ir, batizar e ensinar particularidades de uma ação maior, ao que Jesus chama de “fazer discípulos”. São responsabilidades que derivam da direção do “fazer aprendizes de Cristo”. Coleman chama a atenção da igreja, dizendo que discipular homens e mulheres é a prioridade acerca da qual nossas vidas deveriam ser orientadas.

Já David Kornfield, trabalhando no Brasil, atualmente com pequenos grupos e Discipulado, em seu artigo *Discipulado, a Verdadeira Grande Comissão*, define Discipulado como “uma relação comprometida e pessoal em que um discípulo mais maduro ajuda outros discípulos de Jesus Cristo a se aproximarem mais dele e assim se reproduzirem” e argumenta: “se o Discipulado perder de vista o relacionamento comprometido e pessoal, deixa de ser um Discipulado bíblico”. A sua ênfase está nos relacionamentos. É no relacionamento pessoal e social que se descobre o verdadeiro valor do Discipulado. Se não há relacionamento interpessoal, então é impossível a realidade do Discipulado de Cristo.

Larry Richards, em seu livro Teologia do ministério pessoal comenta que “o Discipulado envolve a reformulação da vida do cristão em direção à obediência, a fim de que possa tornar-se como Jesus” e continua: “A missão da igreja não é simplesmente conseguir conversões, mas completar o processo da vida cristã fazendo discípulos”.

1) Bases Bíblicas e Históricas

Um dos maiores pecados da igreja, na sua missão é achar que Discipulado seja mais um método onde podemos implementar na igreja. Acredita a maioria dos líderes eclesiásticos que além dos vários programas que a igreja dispõe para atrair os convertidos, o Discipulado quando bem usado é um bom método para o crescimento da igreja. Muitos pastores e líderes quando discipulam tentam “incrementar” a igreja com mais este “programa”. Ao contrário do que se pensa, defende Discipulado como um princípio geral que conduz os crentes a um estilo de vida. Longe da tentativa de forçar determinados textos, o Discipulado pelo pano de fundo histórico e contextual, fazia de Cristo o Mestre por excelência e seus discípulos como os que haviam deixado tudo e se propunham a caminhar com Cristo. Isto quer dizer que os mesmos decidiam mudar o seu próprio estilo de vida. Antes, senhores de suas próprias vidas, autores de seus projetos pessoais, agora, submissos e alunos da vida ao lado de Jesus. Quando olhamos para o contexto do treinamento rabínico, Richards citando Moses Aberbach, descreve o padrão de educação do discípulo. Diz ele:

“O padrão está ligado a um relacionamento pessoal entre aluno e professor. Embora o estudo pessoal não fosse desconhecido, era totalmente desaprovado, como passível de resultar em aberrações.

O treinamento recebido do mestre incluía muito mais do que o estudo acadêmico, estendendo-se para além da sala de aula. O discípulo passava a maior parte de tempo possível com o professor, muitas vezes vivendo com ele na mesma casa. Esperava-se que os discípulos não só estudassem a lei em todas as suas ramificações como também se familiarizassem com um estilo específico de vida, o que só podia ser feito mediante convivência constante com um mestre. Os rabinos ensinavam tanto pelo exemplo como por preceitos. Por esta razão o discípulo precisava anotar as conversas e hábitos diários do mestre, assim como o que ensinava.

Os alunos tratavam os professores com grande deferência e respeito. “Seguir” um mestre significava aceitar os seus ensinamentos, mas ao acompanhá-lo, esperava-se que os discípulos andassem literalmente atrás deles, de um lado ou de outro. Os alunos também serviam os professores de várias maneiras práticas que iam desde arrumar os bancos na sala de aula até fazer compras e cozinhar para eles. “Ajudar o mestre na casa de banhos era um serviço tão comumente associado com o Discipulado que a frase: ‘Vou levar as roupas dele à casa de banhos’ tornou-se sinônimo, de ‘Vou ser seu discípulo’.”

A despeito da subordinação e hábitos de respeito que caracterizavam o relacionamento mestre discípulo, este não era de forma alguma distante ou formal. O professor tentava educar os discípulos como filhos: cuidava deles, sustentava-os (no geral esta educação era financiada pelo rabino) e elogiava ou advertia os discípulos conforme o caso. Aberbach descreve a relação como um amor paternal-filial intenso.

O Velho Testamento nos relata discipulados significativos. Quando percorremos a História Bíblica, podemos nos lembrar do relacionamento de Moisés e Josué. O caráter da Missão de Moisés, quando recebera seu chamado no Monte Horebe, possuía essencialmente alguns objetivos: Retornar para o Egito, Libertar o seu povo do cativeiro, caminhar com este pelo deserto, sofrer as duras situações junto com o povo, partilhar das conquistas deste e estabelecê-lo na Terra Prometida. Porém, uma das marcas de sua liderança foi a formação e preparação de Josué para assumir a liderança do Povo de Israel. Seja em Êxodo ou Deuteronômio, observamos que havia uma ligação muito estreita entre ambos, a tal ponto de Deus depositar a mesma autoridade de Moisés sobre os ombros de Josué.

Quando voltamos os olhos para a época de Eli e Samuel, especialmente em seu chamado muito precoce para o profetismo de Israel (1 Sm 3), nota-se ali que Samuel convivia muito de perto com o Sacerdote Eli. A idéia era de fato um aperfeiçoamento através de um sistema relacional. A mesma situação acontecia entre Samuel e Natã, Elias e Eliseu, Eliseu e a Escola de Profetas. Exemplos onde a Escritura registra que o princípio do Discipulado estava latente neste período, contudo ainda não o era de forma patente na época e a partir de João Batista. No período do Novo Testamento iremos ver de fato o

Discipulado sendo a busca da Igreja do Novo Testamento como um princípio de vida.

Seria importante falar sobre João Batista e seu ministério. Quando Jesus já desenvolvia seu ministério particular com seus discípulos, encontram-se várias declarações dos evangelistas a respeito dos discípulos de João Batista. Em alguns casos eram investigadores a mando do próprio profeta (Mt 11.2), ou então manifestavam práticas como a do jejum entre eles (Mc 2.18). Em outra situação, os discípulos de João Batista expressaram maior dedicação ao seu mestre do que os próprios discípulos do Senhor, pois nos diz Mc 6.29, que após o martírio do profeta, eles mesmos foram e sepultaram o seu mestre. Em Jo 1.37, nos parece que André e Pedro já eram discípulos de João, e que ao chamado do Mestre, não titubearam, mas preferiram Jesus a João. Tal atitude poderia expressar a fidelidade de João Batista em ensinar e preparar os seus seguidores acerca da vida e obra do Messias, da qual o próprio dizia que “*não era digno de desatar-lhe as correias das alparcas*”.

Se olharmos mais profundamente, concluiremos que o estilo de Jesus era pautado por alguns princípios. O sistema de Discipulado de Jesus baseava-se muito mais no relacionamento do que na absorção de conhecimento acadêmico ou intelectual. A idéia de Discipulado para Jesus como princípio não era a de transmissão de puro conhecimento. Quando olhamos para Marcos 3.14, o texto nos diz que na escolha dos discípulos, Jesus “*designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar*”, isto é, estar com Jesus seria, sobretudo, a marca do treinamento destes discípulos. Deste momento em diante ficava claro que o ensino de Jesus seria o da convivência pessoal. O estilo ou um modo de vida de Cristo seria impregnado na vida e no relacionamento daqueles discípulos. Tudo o que convergisse para Cristo no que se diz respeito a sua vida, seu ministério, suas obras, seus milagres, eles estariam testificando e provando. Quando vemos o testemunho do apóstolo João no início de sua primeira carta, ele declara: “*O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam com respeito ao Verbo da vida*” (I Jo 1.1).

Isto confirma que o Discipulado era muito mais que absorção de conhecimento intelectual, e sim um estilo de vida que marcaria para sempre a vida dos discípulos. Essa “pessoalidade” do ensino de Jesus, era sentido em todos os níveis. A proposta do Mestre era além da vivência relacional (Mc 3.8), a descoberta pelos próprios discípulos dos mistérios do Reino de Deus através das parábolas (MT 13.1-52), o conhecimento de uma intimidade jamais declarada por Jesus às multidões, mas somente aos discípulos como no monte da transfiguração (MT 17.1-8). Além disto a prática de ministério também era um ponto forte. Os discípulos necessitavam ser confrontados até mesmo com os endemoninhados (MT 17.14-21). A prática da oração era algo essencial (MT 26.36-46) e conjugado com esta, o próprio Jesus mantinha um ministério pastoral entre os mesmos, expressado especialmente no último contato com Simão Pedro (Jo 21.15-23). Mas o que aprendemos acerca do

Discipulado em Jesus é de que seu trabalho com os discípulos era eminentemente pessoal. Jesus sempre manifestava interesse por pessoas em primeiro lugar.

Mesmo fora do Discipulado, quando Jesus evangelizava, especialmente no Evangelho de João vemos seus contatos pessoais de forma que produzia transformação na vida de todos que mantinham algum contato com o Mestre, isto é um verdadeiro nascer de novo. Isto se deu claramente com o Fariseu Nicodemos (Jo 03), com a mulher Samaritana (Jo 04) e com o paralítico (Jo 05). Até as expressões fortes de Jesus também tinham lugar em seu Discipulado, que geravam ira e abandono de Seu projeto por alguns discípulos (Jo 06). Jesus tinha por necessidade enfocar a realidade do pecado para as pessoas, mas nunca as deixava só. Seu Discipulado tinha a ver com a misericórdia, justamente tornado muito pessoal nas suas palavras para a mulher adúlera (Jo 8). O tratamento das moléstias físicas como no caso do cego de nascença foi um momento importante para pregar o evangelho do reino (Jo 09). Em todos os casos, Jesus sempre enfocava seu ministério discipulador de maneira muito pessoal e relacional.

A questão da relação de Jesus com os doze é sentida bem claramente a partir do capítulo 13 de João, em que o Ministério de Cristo, chamado de Ministério Particular acontece de maneira mais efetiva. As bases do Discipulado são lançadas a partir deste ponto. Jesus ensina aos seus discípulos que acima de tudo eles deveriam ter a pessoa de Jesus como ponto de referência, em que o modelo da Sua vida, deveria ser um alvo para eles. A humildade, a consciência do servir, era básica em seu estilo de vida (Jo 13). Os seus ensinos sobre a convicção da vida futura e sua doutrina são lançados a partir da realidade contextual que viviam, isto é, mesmo que passassem pela tribulação, Jesus seria para eles o exemplo maior da vitória sobre o mundo. Por isto a esperança e a certeza da vida eterna deveriam satisfazê-los plenamente. (Jo 14). A necessidade da frutificação passaria pela realidade de estar em íntima comunhão, o Mestre, era como a videira e os seus discípulos os ramos. O assunto Discipulado aqui é bem explanado pelo Mestre e quanto mais fossem eles trabalhados e forjados por Deus, maiores frutos estariam dando (Jo 15).

Acima de tudo, o Discipulado tem a ver com encorajamento, o “falar ao coração” (Is 40.1,2) e o consolo, demonstrando que os discípulos deveriam esperar a consumação final. A esperança viva que os aguardava, encheria os seus corações de destemor, pois o Consolador seria dado a eles. Jesus nunca os abandonaria.

Mas o Discipulado de Jesus não apenas tratava de questões relacionais ou questões da vida. O Discipulado do Mestre visava também proteção. O outro aspecto do Discipulado era o que podemos chamar de Doutrinação. Mesmo quando ele se separa das multidões, o treinamento especial era oferecido aos discípulos de maneira bem privada. O sermão do monte, por exemplo, é o reflexo disto. Durante todo este ensino específico Jesus trata também de

doutrinar seus discípulos até mesmo em relação aos falsos mestres e falsos profetas. (MT 7.15-20)

Outra questão tratada por Jesus freqüentemente era acerca da Cruz no plano de Deus, e que esta seria uma realidade na vida do Mestre e de seus discípulos. Tomar a Cruz era a resposta do crente para o mundo. Vários textos enfatizam o tomar a cruz e morrer para o mundo. Lucas 9.14, registra as palavras do Mestre como sinal de que o discípulo verdadeiro seria aquele que tomaria a sua cruz, assim como Mestre e determinantemente morreria pelos seus ideais. No mesmo evangelho no capítulo 14, verso 25 a 33 Jesus orienta seus discípulos quanto “as despesas” que os mesmos teriam com respeito ao Discipulado, e que o compromisso com Ele, começaria quando houvesse a renúncia e a doação de suas vidas em favor do reino de Deus. Portanto, dentro do plano divino, a cruz viria somente depois que seu Filho tivesse preparado homens para proclamar as boas novas de salvação ao mundo. Com isto, Jesus gasta três anos e meio para treinar e disciplinar pessoalmente aqueles que ficariam para dar continuidade a seu ministério.

Acima de tudo Jesus discipula com a Vida. Jesus sabia que sua vida exemplar seria tão importante quanto as suas palavras. O viver de Jesus era para os discípulos o fator preponderante para incitá-los ao compromisso. As altas exigências bem como sua própria maneira de viver marcariam profundamente a vida daqueles homens. Quando observamos toda a vida e obra de Cristo, chegamos a conclusão que todos os objetivos de Jesus foram alcançados. Contudo Lawrence Richards afirma que uma das propostas de Cristo dentro do Discipulado era a “*comunicação de semelhança*” (Luc 6.40). O mesmo acontecerá com a vida de seus seguidores e com a igreja cristã primitiva posteriormente.

O próximo passo nesta Teologia Bíblica de Discipulado é a vida do apóstolo Paulo. Antes, porém, necessitamos reconhecer que a vida de Barnabé foi eminentemente uma vida de um discipulador que influenciou a Paulo profundamente. O próprio apóstolo Paulo foi amparado por ele. A pessoa de Barnabé, no início da vida ministerial de Paulo foi um braço onde este pôde se segurar, não somente pela confiança que Paulo depositou em Barnabé, mas também pela determinação deste para encontrá-lo e levá-lo até Jerusalém a procura dos outros apóstolos. (At 9.27). Atos 11.22-25 nos relatam que Barnabé era um apaixonado pelo reino de Deus. O versículo 23 afirma que, ele vendo a graça de Deus prosperar em Antioquia, alegrava-se e exortava a que todos permanecessem firmes na fé. Contudo, Barnabé não poderia fazer o serviço de Discipulado em Antioquia sozinho. Então, toma a decisão de ir a Tarso, buscar a Paulo, para que juntos, durante todo um ano estivessem discipulando toda aquela gente.

O exemplo do Apóstolo Paulo é, sobretudo, uma das bases que a Igreja deveria usar para, freqüentemente estimular-se ao Discipulado como estilo de vida para a Missão da Igreja. Não somente pela sua vida, como nos conta Lucas em Atos dos Apóstolos, mas também pela sua maneira de entender

este princípio. Poderíamos analisar vários textos em nosso trabalho, mas iremos estudar um deles que está em Colossenses 1.28. “...o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo”. O texto identifica claramente a visão e a missão global de Paulo, quando o mesmo usa três vezes a palavra “todo”, declarando seu compromisso com um evangelismo integral ou holístico. A idéia de todo homem também denota a abrangência de seu chamado missionário. Não apenas aos judeus, mas também aos gentios. Esta abrangência em tratar com todo homem também identifica as bases de seu trabalho.

A primeira base é o anúncio. “Anunciamos”, é a apresentação do evangelho de forma clara, mas pessoal. *Katangellomen* (*Kataggelomen*) é a proclamação de uma mensagem oficial. O primeiro fator do Discipulado é a apresentação das boas novas, mensagem esta que tem a ver com uma proclamação histórica acerca de Jesus e ao mesmo tempo um chamado a conversão através da fé e arrependimento.

Contudo, além do anunciar Paulo usa a palavra “admoestando”, (*nougetountes*). Esta palavra traz a conotação de um trabalhar de mente, mais semelhante ao aconselhamento, a admoestação da mente, a um forjar de caráter. É um trabalho mais pessoal e direto, levando o discipulando ao renovar de sua mente como nos enfatiza o próprio Paulo em Romanos 12.2. Pelo que entendemos, admoestar segundo o texto, é o caminhar com seu discípulo mesmo no deserto, não “vendendo seus mapas” para que este encontre o caminho para a saída deste deserto, mas sendo um guia, que caminhando com ele até o fim de sua jornada, chegarão juntos e se dessedentarão no oásis da vida.

O Discipulado de Paulo também tem uma terceira etapa. É o Ensinar. A palavra “ensinando” (*didaskontes*) denota que as pessoas que aceitavam o novo estilo de vida cristã eram conduzidos através de um processo de instrução, doutrinamento e treinamento. Na verdade isto tem a ver com o ensino doutrinário e prático. A doutrina conduzindo o discípulo à prática em sua vida pessoal.

Priscila e Áquila são outro exemplo de Discipulado. Embora sendo um casal extremamente envolvido com a evangelização, o tempo que dedicaram a Apolo tornaram-no um pregador muito mais aperfeiçoado do que antes de se conhecerem. A Escritura afirma que Apolo era homem eloquente, poderoso e instruído. Todavia somente conhecia o evangelho de João. Seu Discipulado era de fato parcial, mas Priscila e Aquila como diz a Palavra, “expuseram-lhe com mais exatidão o caminho de Deus” (Atos 18.24-28). Isto significa que Discipulado é antes de tudo também uma exposição sistemática da Palavra toda.

2) Discipulado e Plantação de Igrejas

O propósito do Ministério Paulino era sempre o de plantar novas igrejas. O princípio fundamental para a fundação de igrejas era o Discipulado. David Hesselgrave em seu livro “*Plantar Igrejas, um guia para missões nacionais e transculturais*”, usa o chamado Ciclo Paulino para identificar a plantaçāo de igrejas como princípio inarredável na Escritura. Uma das partes deste ciclo é o denominado de “Discípulos Confirmados”, objetivando que o Discipulado é parte integrante e essencial para a plantaçāo de novas comunidades. É o que podemos ver em Atos 14.21-23. Neste texto, Lucas narra que Paulo e Barnabé tendo feito muitos discípulos retornam para a região de Listra para confirmá-los e fortalecê-los. O Plantio de igrejas está estreitamente ligado com o Discipulado.

No texto de II Timóteo 2.2, Paulo assevera que há necessidade de se escolher pessoas fiéis e idôneas para tal serviço. E idoneidade significa capacidade e habilidade para tal. Portanto, necessita-se treinar e gastar tempo com o chamado “leigo”. O recurso negligenciado pela Igreja é o seu membro. O crente que tenha recebido cuidadosa e conveniente instrução bíblica e treinamento garante sua integração plena na vida da Igreja. Aqui está o segredo de uma igreja crescente. Dentro da plantaçāo de igrejas, um dos aspectos mais esquecidos, é o aspecto pessoal da Integração onde atualmente deveria ser o ponto mais forte da Igreja e centro de toda a atenção.

O grande problema das igrejas é o que podemos chamar de orfandade espiritual. Os recém-convertidos são simplesmente deixados de lado e os que permanecessem na igreja tornam-se órfãos espirituais. Waylon Moore diz: “*Na maioria das igrejas os convertidos são simplesmente adicionados ao rol de membros e abandonados a cuidarem espiritualmente de si mesmos. É doloroso afirmar, mas o fato é de que existem muitos órfãos e poucos pais espirituais em nossas igrejas*”.

A resposta para isto é a realidade do ministério Paulino. O apóstolo Paulo se considerava como Pai de todos os discípulos de Cristo. (I Co 4.15; Gl 4.19; I Ts 2.11). O Discipulado chama a igreja a se responsabilizar pelo seu membro. Não apenas fazê-lo um bom convededor de doutrinas, mas na convivência do Discipulado, torná-lo alguém extremamente comprometido com a sua comunidade.

Este compromisso da igreja passa por três importantes etapas:

1. A necessidade do Aconselhamento. É a condição básica para gerar um “filho”. Discipular sem aconselhamento, pode gerar vidas desequilibradas e desajustadas espiritualmente. É o que vemos acontecer atualmente nas comunidades. Ou o crente será um fundamentalista ou um liberal tanto teológico como ético.

2. A necessidade de Alimentação. O Discipulado sugere uma alimentação sistemática (I Pe. 2.2). A carnalidade e imaturidade espiritual dos Coríntios

eram geradas pela ausência de alimento (I Co 3.2). Para um Discipulado, efetivo uma alimentação progressiva é essencial. Os hebreus estavam também passando por este mal. Pelo tempo decorrido já deveriam ser mestres, mas importante seria que o escritor voltasse aos rudimentos e às bases elementares da fé cristã. (Hb 5.11-14).

3. A necessidade de Proteção. O Discipulado visa também o cuidado com a sua vida pessoal. Jesus já afirmava isto aos discípulos quando falava dos falsos profetas (MT 7.15-20). Paulo enquanto está finalizando seu sermão aos presbíteros de Éfeso também tem o cuidado de alertá-los (Atos 20.29,30). Um dos deveres do discipulador é ensinar ao convertido como enfrentar as tentações com a Palavra. Os que não recebem o devido cuidado podem tornar-se crentes delinqüentes. Estes naturalmente causarão tropeço a muitos. (I Cor 10.32 / 2 Cor 6.3).

A prova de que houve ensino em seu Discipulado é a estabilidade do crente sob pressão. Paulo afirma que a eficácia de seu trabalho era medida pela capacidade de eles vencerem a tentação (I Ts 3.5). Outra prova é o testemunho e a frutificação. Deste modo vemos o Discipulado como algo extremamente prático e questão inegociável para a plantação de igrejas (Fl 2.15-16).

3) Implicações práticas para a Missão da igreja

Uma das grandes chaves para o desenvolvimento da visão do Discipulado é a compreensão das comunidades locais com respeito a função do chamado “leigo”. Talvez a grande crise que a igreja cristã em seu todo atravessa, é devido a um equívoco histórico interpretativo da palavra *laikos*. Até porque, atualmente a atividade do pastor é da mais alta importância, no sentido de que ele se esmere em realizar o maior número de tarefas, enquanto que os leigos permanecem como bons ouvintes de seus sermões. Quando muito, se dedicam temporariamente a algum evento religioso.

Podemos questionar saudavelmente, o tipo de Discipulado usado hoje em dia nas igrejas locais. Pois quando há, o encontramos na forma de um evento ou programa que não atinge a todos os crentes. A idéia de Discipulado que hoje absorvemos, brota da necessidade de fazer a comunidade crescer e não pelo fato de que este é um estilo de vida esperado por todo seguidor de Jesus. Mais sério ainda, é a visão de esta tarefa é atribuída ao pastor e aos seus obreiros, mas nunca aos crentes. Isto nos prova que ainda estamos ligados ao famoso “clericalismo”, que visivelmente os reformadores se posicionaram contrariamente, mas que hoje, mantém-se não somente na forma e nos métodos, mas também em princípios e conceitos dentro das comunidades locais.

Para tanto, ousamos lembrar-se de um dos capítulos da apostila da disciplina de Estratégias e Metodologias Missionárias do Rev. Antônio José

do Nascimento Filho quando bem expõe sobre o assunto. Na verdade, a distinção entre laicato e clero procede da tradição da Igreja Católica Romana. Esta idéia correlaciona-se com a visão de igreja e mundo para os romanistas. O clero com o direito de administrar os sacramentos e o laicato que deve receber o ensino e a condução dos mesmos. Tanto Lutero como Calvino rejeitaram a estrutura clerical dando importância a todos os membros da igreja, onde todos eram considerados *laikos*. O Discipulado como princípio e ordem é para todo laicato. Todos são discípulos e então todos discipularão. Se a ordem foi dada como Comissão à igreja, toda a igreja está empenhada a realizar, não como evento, mas sim como estilo de vida pessoal.

Larry Richards explica a questão de o Discipulado ser um fato significativo no Novo Testamento é devido ser este um *empreendimento mútuo* demonstrando que a visão do laicato deve ser de manifestar a reciprocidade do Discipulado. Em sermos *Laos de Deus*, temos o papel de crentes-sacerdotes, isto é, somos chamados para discipular uns aos outros. Isto nos leva a entender Discipulado num contexto de relacionamento pessoal íntimo e cheio de amor. Sobretudo, sendo reconhecido como um princípio para todo cristão e não apenas para aqueles que foram ordenados para o ministério sagrado.

Após 32 anos da ressurreição de Jesus, os primeiros cristãos já haviam atingido todo o mundo pagão de seu tempo com a mensagem do evangelho sem rádio, sem imprensa, ou outro dos meios modernos de comunicação, usados em nossos dias na pregação. O segredo era a visão de que todos os crentes eram, na verdade, discipuladores em potencial.

Embora fundamentando nosso estudo de que o Discipulado é um envolver de todo o laicato da igreja, acreditamos que o Discipulado como princípio orientador da vida da igreja. Isto tem sua consequência na descoberta e no treinamento de líderes discipuladores. Se olharmos novamente para a experiência de Jesus no Discipulado dos doze, o Mestre usava todas as experiências vivenciais para o adestramento dos seus discípulos que viriam a se tornar apóstolos de Sua Igreja. Jesus usava a pregação, a cura, e a discussão para estimular, despertar e causar impacto na vida dos discípulos. Ferramentas que usava para treinar o grupo de homens que se encarregaria de transmitir depois a mensagem de sua vida, da sua morte e da sua ressurreição.

Da mesma forma que Cristo se utilizou, podemos discernir e usar os mesmos padrões para treinar os líderes em nossas igrejas como visão do *laikos*. Uma vez que plantamos igrejas, somos responsáveis por ensinar de maneira correta o treinamento dos líderes. Devemos examinar as prioridades do ministério. Se o Discipulado é um princípio fundamental para a missão da igreja, precisamos concentrar os esforços em “pessoas” e não em “coisas”. Moore citando Samuel Schoemaker diz acertadamente que “a principal

tarefa da igreja não é realizar muito trabalho, nem alistar grande número de membros, nem levantar muito dinheiro.

Sua principal missão é moldar vidas à imagem de Jesus Cristo. “E as pessoas não podem ser talhadas da massa bruta por atacado, mas uma por uma.”. Além disso, o treinamento de líderes é uma vivência com o discípulo. Provérbios 27.17, afirma: “*Afia-se o ferro com o ferro; assim o rosto do seu amigo*”. Logo, o Discipulado fundamenta-se “no estar com”. Na vivência com os discípulos, Jesus em seu treinamento, se relacionava mais a caráter e personalidade do que a conhecimentos e métodos. “Muitos dos pastores andam tão ocupados com tantas diferentes coisas que a correria com que trabalham põe em risco seu ministério e sua vida espiritual, como também lhes torna impossível treinar pessoal e adequadamente os membros de sua igreja para o evangelismo integral.

A próxima implicação para a igreja atual é a respeito da verdadeira evangelização e o crescimento da mesma. Estas questões nos levam a analisar o que significa crescimento de Igreja. Evangelização sem integração ou Discipulado sempre falhou e falhará no seu objetivo de ganhar o mundo. “O máximo que se consegue é a adição de algumas pessoas à igreja”.

“Em pouco mais de dez anos Paulo estabeleceu a Igreja em quatro províncias do Império: Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia. Antes de 57 d.C. Paulo já podia falar do seu trabalho ali como tendo sido completado e podia planejar viagens extensivas para o extremo oeste sem preocupação de que as igrejas que fundara pudessesem na sua ausência pela falta de orientação e apoio”.

Conclusão

Este trabalho nos estimulou a procurar bíblicamente as causas do crescimento e missão da igreja e respondê-las através do Discipulado. O grande desafio da igreja é ainda hoje, o moldar vidas segundo o caráter de Jesus Cristo. O Discipulado Missionário, se assim podemos nomeá-lo, ainda não está satisfazendo bíblicamente o Senhor da Seara. Ao analisarmos todos os pontos essenciais da vida de Cristo, somos inarredavelmente levados a procurar reavaliar a vida cristã e, sobretudo, através de uma autocrítica, desafiados a tornar nossas comunidades, igrejas de discipuladores. Carecemos de pessoas fiéis e idôneas, que possam transmitir a outras este caráter de Cristo, não apenas pela verbalização, mas também com a vida. A igreja necessita de um arrependimento verdadeiro e mudança de vida. Deve tornar a vida mais simples e menos rebuscada, mais cheia de frutos de vida e menos ativista, mais cristã e menos institucionalizada. Se acreditarmos no Discipulado, seremos os primeiros a mudar, e se isto acontecer de fato cumpriremos cabalmente a Grande Comissão não como um programa a mais, mas como um estilo de vida, para a Glória e Honra de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Bibliografia

Brown, Colin - O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento - 4 vols. São Paulo - Edições Vida Nova 1984

Coleman, Robert - *The Master Plan of Discipleship* - 1987 - Zondervan

D'áraujo Filho, Caio Fábio de - *Seguir Jesus: O mais fascinante projeto de vida* - Ed. Betânia - 1984.

Hesselgrave, David - *Plantar Igrejas - Um guia para Missões Nacionais e Transculturais*, Vida Nova - 1985

Kornfiel, David - Em: *Ultrapassando Barreiras* - Edições Vida Nova - Vol II - 1997

Moore, Waylon B. - *Integração segundo o Novo Testamento* - Juerp - 1985

Nascimento Filho, Antônio José - *Estratégias e Metodologias Missionárias* - 1999

Richards, Lawrence - *Teologia do Ministério Pessoal* - Edições Vida Nova - 1985

Richards, Bíblia - Edição revista e Atualizada - 1998 - Sociedade Bíblica do Brasil

Lawrence - *Teologia da Educação Cristã* - Edições Vida Nova – 1985

Pr. Eliton Gomes
Licenciado em Filosofia
Pós Graduado em Gestão e Coordenação Escolar
Bacharel em Teologia